

Bloco de Notas

Morrer pela Europa?

"A Europa está longe de se converter numa potência coerente". Quem o diz é Zbigniew Brzezinski, ex-assessor de segurança do presidente dos Estados Unidos num texto publicado na revista espanhola *Política Exterior* de Setembro/Outubro. Ao contrário dos Estados Unidos no momento do seu nascimento, a Europa "carece da paixão ideológica e da lealdade cívica que inspirou não apenas os autores da Constituição norte-americana, mas [...] sobretudo os que estavam preparados para o sacrifício último em prol da independência das colónias norte-americanas. Por agora, a certeza é que nenhum europeu está disposto a morrer pela Europa". Mas não é apenas isso, prossegue Brzezinski: os europeus também não estão dispostos a pagar a defesa europeia, nomeadamente a força de acção rápida de 60 000 homens que deverá estar operacional em 2003. Para funcionar, esta força precisaria de um melhor controlo logístico central, comandos militares, exercícios conjuntos. Tudo isto implica mais dinheiro e desde 1992 os gastos europeus com a defesa foram reduzidos em 22%. Contudo, avisa Brzezinski, os EUA fariam bem em abster-se de criticar este projecto porque as críticas "apenas intensificam o ressentimento europeu e têm o potencial de empurrar alemães e britânicos para os braços dos franceses". De qualquer maneira, Washington não tem razões para se preocupar, já que "numa missão séria", a força de defesa europeia "dependerá dos recursos da NATO".



Gloria em ascensão nas Filipinas

Com o presidente das Filipinas, Joseph Estrada, a braços com um processo de destituição, a sua vice-presidente, Gloria Arroyo, não perde tempo. No número de 16 de Novembro da *Far Eastern Economic Review*, a mulher que pretende vir a assumir a chefia do Estado filipino fala dos seus planos. Com Estrada ainda no poder, Arroyo começou logo a constituir a sua equipa e a preparar projectos para os primeiros 100 dias à frente do país. Os colaboradores escolhidos, segundo a revista, provêm de uma pequena elite tradicional ligada às mais antigas famílias do país. Muitos deles trabalharam com os antigos presidentes Fidel Ramos e Corazon Aquino, ambos ferozes críticos de Estrada. Arroyo quer escolher pessoas com "grande reputação para a integridade". Afastar-se da imagem de corrupção do regime de Estrada é a sua prioridade. Mas, sublinha a revista, por enquanto os investidores estrangeiros mantêm uma distância prudente e preferem esperar para ver a passagem à prática das políticas de transparência prometidas por Arroyo.



A multiplicação dos países

A revista prospectiva que a *Economist* lança anualmente sobre o ano que se segue já está à venda. Em *The World in 2001*, Brian Beedham, um dos editores da publicação, avisa-nos que vem aí um novo mundo. Num futuro já não muito longínquo vamos assistir ao desmembramento de muitos países que se mantinham artificialmente unidos. Se em 1946 havia 74 países, hoje existem 190, e "poderemos estar a caminhar para os 300 antes de o novo século ser muito velho". Exemplos de países em vias de desagregação: em primeiro lugar a Indonésia, onde o processo já é evidente. Beedham não tem dúvidas de que "a Indonésia está a trilhar um caminho que a União Soviética e a Jugoslávia já seguiram". Mas também o Sri Lanka, as Filipinas, partes do mundo árabe, a Malásia, provavelmente o Paquistão, e certamente grandes partes de África.



A defesa de um Estado palestiniano

Numa altura em que israelitas e palestinianos estão envolvidos numa preocupante escalada de violência, é interessante ler a análise que David Eshel, antigo oficial das Forças de Defesa de Israel, faz na *Jane's Intelligence Review* (Novembro) sobre as preocupações de segurança de um futuro Estado palestiniano. A primeira constatação é que, face a uma eventual acção militar de Israel, as capacidades de defesa da Palestina serão muito reduzidas. O Estado palestiniano será composto por duas entidades – Cisjordânia e a Faixa de Gaza – que Israel poderá sempre isolar. Existem três níveis de potencial intervenção israelita para os quais os palestinianos se devem preparar:

- 1) Uma invasão militar com o objectivo de destruir o Estado palestiniano se este representar uma ameaça à sobrevivência de Israel, nomeadamente através de pactos com outros países muçulmanos; esta situação pode surgir se elementos fundamentalistas islâmicos ou forças estrangeiras ocuparem o poder na Palestina.
- 2) Incursões pontuais do Exército israelita para punir os palestinianos por actos terroristas contra alvos israelitas.
- 3) Sanções económicas, nomeadamente bloqueio naval e aéreo. Mas Eshel levanta também outra questão: a das relações entre o futuro Estado palestiniano e a Jordânia, e lembra que cada um representa, de certa forma, um perigo para o outro.

Coordenação: Alexandra Prado Coelho